

Disputas pela memória em São Lourenço do Sul: uma visão histórica de representações étnicas

*Regina Weber**
*Patrícia Bosenbecker***

Resumo

Um mesmo local (São Lourenço do Sul) foi, em diferentes momentos, um espaço de elaboração e afirmação de representações, que situavam indivíduos e grupos, ora positivamente, ora negativamente, configurando situações de disputas de representações. A instalação de imigrantes alemães em uma região de estâncias ocupada por uma população luso-brasileira; a formação de uma colônia de camponeses com expressiva presença de pomeranos, administrada conflituosamente por alemães de origem prussiana, e o interesse das administrações municipais contemporâneas em buscar uma identidade peculiar – “pomerana” – ao município são elementos da configuração histórica que enseja tais construções identitárias.

Palavras-chave: Identidade. Imigração. Representações. Pomeranos.

Introdução

A proposta deste trabalho é analisar reelaborações identitárias em uma cidade do Rio Grande do Sul, São Lourenço do Sul, ocupada por diferentes grupos étnicos em sucessivos momentos históricos. Ao longo do tempo, diversas disputas de memória incentivaram autores e notáveis locais, que, primeiramente, afirmaram a elite estancieira local, depois a colonização alemã, com destaque para seu idealizador, Jacob Rheingantz, e atualmente, o município, que conta com cerca de cinquenta mil habitantes, tem como principal slogan ser “o município mais pomerano do Brasil”. Pretendemos comentar brevemente as transformações históricas que acompanharam as representações formuladas e analisar, mais detidamente, as reivindicações contemporâneas de uma identidade “pomerana”. Metodologicamente, a presente análise utiliza como fontes tanto documentos de arquivos, textos impressos de circulação restrita e publicações memorialísticas, quanto produção intelectual ou textos de divulgação contemporâneos; ou seja, dissertações e teses acadêmicas ora estão como suporte de interpretações, ora são alvo de crítica reflexiva.

Entender a formação dessa sociedade pode nos revelar importantes formas de organização e relações entre grupos étnicos. Como lembra Jan Assmann (1995), conjugando ideias de Warburg e Halbwachs, se quisermos compreender a constituição e as tendências de uma sociedade é preciso atentar aos valores que são apropriados do passado, porque é a partir dessa herança cultural que um grupo ou sociedade torna-se visível, tanto para si mesmo quanto para outros. Essa herança cultural pode ser avaliada através de um estudo sobre a memória local e suas transformações ao decorrer do tempo. Quando nos referimos à memória herdada, podemos dizer que há uma grande proximidade entre a memória e o sentimento de identidade, tal como proposto por Michel Pollak (1992), pois a memória, um fenômeno construído social e individualmente, atua como fator decisivo do sentimento de continuida-

de e de coerência de um grupo, transformando-se em um elemento constituinte da identidade, ou, mais especificamente, do sentimento de identidade desse grupo.

As formulações identitárias aqui analisadas dão-se num contexto interétnico, no qual as “fronteiras” se manifestam porque alguns “atores” identificam tanto a si próprios quanto a outros atores implicados em diferentes sistemas sociais: “Melhor dizendo, as identidades étnicas só se mobilizam com referência a uma alteridade, e a etnicidade implica sempre a organização de agrupamentos dicotômicos Nós/Eles” (POUTGNAT; STREIFFERNANT, 1998, p. 150).

Uma colônia entre estâncias

Em janeiro de 1858, chegou à Colônia São Lourenço a primeira leva de imigrantes alemães, agenciados pelo empresário Jacob Rheingantz. Rheingantz deixara a Prússia por volta de 1840 com destino aos Estados Unidos, onde empregou-se em uma empresa de comércio de embarcações. Após uns três anos, transfere-se ao Brasil, quando acompanhou a entrega do Vaporzinho Rio-grandense à firma de Guilherme Ziengenbein, em Rio Grande, cidade portuária no extremo sul do Brasil. Após a chegada, Rheingantz fica trabalhando na casa comercial de Ziengenbein e, em 1848, se casa com a enteada deste e torna-se sócio da firma, passando a gerenciar a filial da empresa na cidade vizinha de Pelotas (COARACY, 1957, p. 34), que, na época, concentrava estâncias de gado produtoras de charque (charqueadas).

Nos anos seguintes, Rheingantz procura terra e recursos para organizar uma colônia. Em 1856 compra terras do Império e busca possíveis financiadores dispostos a colaborar com o empreendimento (COARACY, 1957). Ele precisava, então, convencer os notáveis do local de que sua colônia era viável e que era digno de confiança para administrar o negócio. Uma tarefa difícil, que angustiava o seu procurador, Luiz Braga, que supunha que eram poucos os que co-

nheciam o tipo de empreendimento que eles estavam propondo. Referindo-se aos estancieiros e charqueadores da região, que etnicamente podem ser denominados “lusobrasileiros”,¹ Braga afirmou que “eles só gostam de ver os dinheiros amontoados e sem aplicação”, sendo esta “a ilustração destes ricos que só enxergam a ponta de seu nariz”.² Um estancieiro, José Antônio de Oliveira Guimarães, se dispôs a ser o financiador da futura colônia. Ele era neto, pelo lado materno, de José da Costa Santos, cuja história familiar nos auxilia a compreender o contexto social local.

José da Costa Santos recebeu terras na região no início dos anos 1800, as quais são anexadas as terras da esposa, herdeira de terras vizinhas. Suas filhas se casam com estancieiros e notáveis representantes das famílias locais (ABREU, s.d.), dos quais destacamos Inácio José de Oliveira Guimarães, filho de um imigrante português, que se casou com a filha do meio, Tereza. Nascido em Rio Grande, Inácio José perde o pai, Manuel, aos 12 anos; logo após sua mãe casa com o seu tio, José Antônio de Oliveira Guimarães. Os irmãos portugueses, Manuel e José, eram sócios de um comércio, o primeiro tratava de negócios em Rio Grande e o outro no Rio de Janeiro. Inácio parece ser o único herdeiro da família, tanto dos bens quanto do legado político-social da família. O tio e também padasto, José Antônio, comprou terras na região do Boqueirão, onde se instalaram as primeiras levas de imigrantes, que foram herdadas por Inácio. Inácio José foi um líder da Guerra dos Farrapos (1835-1845), tornando-se chefe regional da revolta; também foi deputado da República Riograndense, que existiu por quase uma década. José Antônio, o financiador da Colônia São Lourenço, era o segundo de três filhos de Inácio e Teresa, tendo herdado o nome do tio-avô.

A história da família de José Antônio de Oliveira Guimarães, descendente de um estancieiro pelo lado materno e de um comerciante português pelo lado paterno, confunde-se com a história local, demonstrando como se organizam as famílias e as relações locais antes da chegada de Rheingantz e dos imigrantes alemães. Este po-

der político local amparava-se na participação política da família na Província. José da Costa Santos, em seu testamento, doou pequenos lotes de terra ao lado da igreja para capatazes e peões, e também para ex-escravos. Amparados nos registros provindos da igreja, percebemos que a região de Rio Grande e Pelotas era habitada por famílias de origens diversas – luso-brasileira, espanhola, platina, escravos, quilombolas, além de franceses e mesmo italianos – que foram motivadas a estabelecerem-se no povoado ou em fazendas próximas, estabelecendo relações entre si.

Após a morte de Inácio José, o filho José Antônio, então com 20 anos, assume os negócios e o legado de prestígio da família. José Antonio foi vereador por volta de 1863 e também Subdelegado de Polícia, e envolveu-se na construção de um povoado, o de São Lourenço, junto a sua fazenda, onde hoje se localiza a atual sede do município de São Lourenço, criado em 1884, sendo José Antônio seu primeiro Intendente. Em 1857, consegue reunir os parentes e aliados, que, apesar de um pouco contrariados, concordam em ajudar no projeto de colonização de Rheingantz.

A construção da colônia se efetua por contrato entre Jacob Rheingantz e José Antônio de Oliveira Guimarães em março de 1857, que delegava ao primeiro as tarefas de agenciar os colonos e entregar a eles alimentos e ferramentas, enquanto Oliveira Guimarães compraria terras adjacentes, abrindo caminhos para a colônia, além de medir e demarcar lotes e prover alojamento aos recém-chegados no pequeno porto fluvial de São Lourenço. Alguns recursos foram recolhidos junto a outros financiadores, todos com algum tipo de relações, principalmente de parentesco, com Oliveira Guimarães, o que, segundo Abreu (s.d, p.21), teria sido motivo de discórdia na família, que não queria a associação com Rheingantz. A primeira leva de imigrantes foi agenciada pelo próprio Rheingantz, que viaja à Europa, buscando também alguns de seus familiares que ainda estavam na Prússia. Nas levas seguintes esse trabalho seria feito por agências especializadas. No primeiro ano, a colônia receberia cerca de duzentos imigrantes, e, nos anos seguintes, os contingentes se-

guiram constantes, sendo a maioria de pomeranos, a minoria de renanos (RHEINGANTZ, 1877), incluindo alguns imigrantes austríacos, dinamarqueses e belgas. Conforme Mulhall (1974, p. 117), em 1871, existiam em São Lourenço 340 famílias.

Disputas pela memória: as controvérsias sobre Rheingantz

Em 1909 são publicados no Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul (RODRIGUES, 1909) dois textos em homenagem aos cinquenta anos da colonização em São Lourenço, o primeiro do filho de Jacob Rheingantz, Carlos Guilherme, que busca honrar a memória do pai; o segundo de Augusto Moreira Paes, genro de Oliveira Guimarães, que procura, por sua vez, lembrar a participação do sogro no empreendimento. Estes artigos ilustram uma disputa por posições na memória local, envolvendo a família Rheingantz, com a colaboração de alguns autores, e os que afirmavam a participação de Oliveira Guimarães na construção da colônia, destacando a posição da elite agrária luso-brasileira dominante. Nos anos anteriores, 1907 e 1908, outros passos na afirmação da memória de Rheingantz já haviam sido dados: a construção de um monumento, a transferência de seus restos mortais de Rio Grande para uma igreja próxima de sua antiga residência em São Lourenço e o lançamento do livro de Carlos Guilherme Rheingantz, “Colônia de São Lourenço. Histórico de sua Fundação por Jacob Rheingantz” (IEPSEN, 2008, p. 48).

Ainda que memorialistas e historiadores locais reconheçam a importância de Oliveira Guimarães como cofundador, é inegável a consolidação da imagem de Rheingantz como o fundador da colônia. O triunfo desta representação não pode ser dissociado da projeção econômica de Rheingantz e de seu filho Carlos Guilherme, que na década de 1870 funda na cidade de Rio Grande a fábrica têxtil Rheingantz, pioneira no ramo de tecidos de lã no Brasil (IEPSEN, 2008, p. 43). As disputas pela posição central na memó-

ria local estão, portanto, comprometidas com a consolidação da identidade dos grupos locais: de um lado, imigrantes nascidos na Alemanha ou em comunidades de língua alemã e descendentes de imigrantes e, por outro, famílias de estancieiros da região com fortes vínculos entre si e expressivo peso na política regional. Neste momento em que a colônia completava cinquenta anos (1908), São Lourenço do Sul já era um município e sua memória oficial poderia ter enfatizado Oliveira Guimarães como um de seus primeiros governantes. Como lembra Pollak (1989, p. 10), “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo”. Esta interpretação é tributária da teorização de Bourdieu (2009, p. 123) sobre as estratégias simbólicas dos agentes “de apresentação e de representação de si que eles opõem às classificações e às representações (deles próprios) que os outros lhes impõem”.

Em 1940, um jornal local ainda identificava ambos, José Antônio de Oliveira Guimarães e Jacob Rheingantz, como “pródromos” da campanha colonizadora de São Lourenço, e, neste mesmo ano foi inaugurado um museu na casa da família Rheingantz (IEPSEN, 2008, p.p. 49-104). Anos depois, o *Voz do Sul*, jornal que circulou em São Lourenço entre 1948 e 1964 e pertencia a Pamphilio Stenzel, filho de um imigrante alemão que modernizou o modo de impressão local com máquinas alemãs (IEPSEN, 2008, p. 93), teve um papel fundamental na exaltação de Rheingantz, durante as celebrações do centenário de fundação da colônia, comemorado nos anos 1957 e 1958, o que ilustra o recurso à definição de datas festivas como uma forma de institucionalização de identidades étnicas (WEBER, 2008) ou, mais amplamente, como um trabalho de memória numa sociedade que perdeu seus rituais cotidianos (NORA, 1993, p. 13). Eduardo Ipsen (2008, p. 48) destaca ainda dois outros marcos na afirmação “mítica” de Rheingantz nestes anos: o lançamento do livro de Vivaldo Coaracy, “A Colônia São Lourenço e o seu fundador Jacob Rheingantz” – que, tudo indica, foi uma publicação encomendada –, e a construção do Monumento ao Colono, onde consta uma placa em homenagem a Rheingantz.

A memória, contudo, nunca está isenta de conflitos. Um dos fatos com os quais os memorialistas tem que se haver é uma revolta de colonos, ocorrida em 1867, após um edital que decretava medidas normativas, publicado pelo comandante das tropas policiais enviadas pelo governo provincial à colônia, após insistentes pedidos de Rheingantz, uma vez que, até o momento, o policiamento era feito pelos próprios colonos que elegiam “inspetores” de estradas.³ Na esteira da inconformidade com o edital, os colonos também invadiram a casa de Rheingantz. Seus biógrafos situam Rheingantz como vítima, os revoltosos como “desordeiros” e desconsideram qualquer problema na questão da medição dos lotes dos imigrantes, que teria sido uma das queixas dos revoltosos. Ainda que, desde o centenário da colonização alemã no estado, em 1924, tenham surgido obras que descrevem Rheingantz como “ganancioso, imprudente e espoliador”, continuaram a haver escritos laudatórios a Rheingantz, mesmo em décadas mais recentes. Coube a Jorge Luiz da Cunha, em meados da década de 1990, com documentos encontrados na Alemanha, trazer novos dados que demonstram os expedientes utilizados por Rheingantz que conduziam os camponeses a uma condição servil. Contudo, nos dias atuais, existe uma proposta para a reconstrução de um museu no lugar de sua antiga residência, que esteve abandonada por muitos anos. Este museu contará não só a história da colonização alemã no município, como também a história de todos os grupos que povoaram São Lourenço do Sul.⁴ As lembranças divergentes presentes no imaginário popular permanecem como recordações que “os enquadreadores de uma memória coletiva em um nível mais global se esforçam por minimizar ou eliminar” (POLLAK, 1989, p. 12).

Os pomeranos em cena

Mesmo sendo conhecida a expressiva presença de imigrantes pomeranos na região, por longo tempo, nenhuma identidade “pomerana” apresentou-se nas disputas públicas de representações

locais. Uma interpretação acadêmica afirma que a cultura pomerana foi silenciada pela “ideologia do germanismo”, tendo, no entanto, mantido e preservado suas tradições através de um processo de reinvenção da sua identidade (THUM, 2008). Esta interpretação precisa ser matizada, pois o que é dito do passado parece estar a serviço das positavações contemporâneas da identidade pomerana, processo do qual seu autor participa. Thum foi o articulador da formação de um Centro de Educação Popular, criado em 2006, que congrega representantes das diferentes comunidades da Serra dos Tapes e realiza um levantamento da cultura local através da escola; participou também da construção do Museu do Imigrante da Picada Moinhos (THUM, 2009, p.p. 35-345). Ele escreveu sua tese de doutoramento no contexto da comemoração dos 150 da Colonização Alemã-Pomerana da Serra do Tapes.

Segundo Willems (1980, p. 38), que insere os pomeranos no quadro de uma colonização “germânica”, a colonização na serra dos Tapes foi feita, sobretudo, com gente da Pomerânia e Renânia, realizando suas pesquisas umas duas décadas depois de Willems, refere-se a “colonos alemães”: “Os teuto-brasileiros, que aqui estão em enorme maioria (70%), criaram realmente uma ‘área’”. O autor identifica esta área como “uma ilha agrícola numa mancha florestal, no meio de uma zona luso-brasileira”. Esta justaposição entre alemães e pomeranos foi sendo incorporada ao linguajar, estando presente mesmo em trabalhos acadêmicos mais recentes. É necessário buscar explicações outras que não sejam uma “ideologia do germanismo” para a não distinção entre pomeranos e alemães.

Primeiro, há que considerar a consolidação do estado alemão na Europa, que ocorreu sob a hegemonia da Prússia, gestora da unificação dos diferentes estados alemães e formuladora da identidade da nova nação. No século XIX, a Pomerânia, pelo menos sua parte ocidental, estava efetivamente sob o domínio da Prússia, enquanto a parte oriental era dominada pela Polônia. A Pomerânia, portanto, foi uma destas regiões históricas que foram subsumidas por vizinhos mais poderosos no processo de consolidação dos Esta-

dos-nações. Na documentação do século XIX sobre a região de Pelotas, tais como registros religiosos de batismos e casamentos e processos cíveis, é corrente o uso do termo “prussiano” para designar os imigrantes que se estabeleceram na região,⁵ o que reflete uma realidade burocrática que nem sempre concede espaço a especificidades identitárias. A instalação da nação Alemã, mesmo se processando após a chegada dos primeiros imigrantes, terá influência nas identificações que se processam do outro lado do Atlântico, passando os colonizadores a serem reconhecidos como “alemães”. A existência de um Estado como lugar de origem de imigrantes “facilita a identificação de comunidades emigradas em outro país, pois tal visibilidade depende muitas vezes do grau de reconhecimento externo ao grupo” (WEBER, 2006, p. 239).

A segunda razão para a prevalência de uma identidade “alemã” refere-se ao que a teoria da etnicidade denomina “etnogênese” (BANTON, 1979), no caso a gestação de uma identidade teuto-brasileira por um processo de “englobamento” (POUTIGNAT, STREIFFENART, 1998, p. 144), quando identidades menores dão ensejo a uma identidade maior, estimulada pelo contexto da sociedade de acolhida, que identifica (“exo-definição”) os adventícios por similaridades simplificadoras. Os “alemães” que emigraram para vários estados do Brasil podiam considerar-se prussianos, badenses, oldemburgueses, como afirmou Willems (1980, p. 39), que, em suas pesquisas na década de 1930, pôde entrevistar imigrantes do final do século. Entretanto, como o próprio autor destaca, muitos imigrantes austríacos, russos, poloneses e suíços falavam a língua alemã (WILLEMS, 1980, p. 41), fator que se soma aos documentos que os imigrantes portavam na chegada para serem vistos como um todo homogêneo pelas populações já estabelecidas. Como afirmam Ferreira e Heiden (2009, p. 140), que analisaram o caso de São Lourenço, “Essa região se configurou pela presença do imigrante de origem germânica, sendo que, em relação ao elemento pomerano, esse reconhecimento como alemão se deu mais no sentido da comunidade externa que não via (e em geral não vê) as diferenças culturais

entre os dois grupos". A estes fatores acrescenta-se a ideologia do *Deutschtum* ("germanidade"), que teve seu peso nas formulações identitárias na primeira metade do século XX nas comunidades alemãs do sul do Brasil (SEYFERTH, 1982).

Se hoje São Lourenço do Sul apresenta-se como "o município mais pomerano do Brasil", em panfletos destinados aos visitantes da cidade, é devido, principalmente, às disputas atuais provocadas por uma reavaliação sócio-cultural da conjuntura local, que visa a afirmação da cultura pomerana, que envolvem tanto novas políticas no nível municipal, quanto oportunidades de desenvolvimento econômico motivadas pelo turismo na cidade. Neste contexto, gestou-se o Caminho Pomerano, um roteiro de turismo rural criado em novembro de 2006, numa parceria entre a Prefeitura Municipal e a Associação do Caminho Pomerano.

No roteiro, sete propriedades são apresentadas como locais de visita onde o turista tem contato com o artesanato e a gastronomia local, cultivo de produtos baseados na agroecologia, além da possibilidade de visitar agroindústrias com produção de derivados do leite e de árvores frutíferas, mas o atrativo principal encontra-se na figura dos descendentes de pomeranos e em personagens típicos no cotidiano deste povo. (KLUMB, 2009, p. 6).⁶

Na página eletrônica da Prefeitura do Município o Caminho Pomerano é definido como um roteiro que busca resgatar "a cultura e os costumes do povo alemão-pomerano, expressa nos artesanatos, folclore, gastronomia e na agroindústria. Um povo que desnudou em nossas águas, erguendo a cidade e construindo o futuro". A Prefeitura busca, portanto, uma solução conciliatória com a história, que redunde no uso do termo híbrido "alemão-pomerano". No portal Turismo na Costa Doce, mantido pela Agência de Desenvolvimento do Turismo na Costa Doce,⁷ ele é apresentado como um interlocutor que revela a presença da "herança cultural dos povos vindos da Pomerânia", revelando costumes como "a noiva casar de preto, a tradição dos grupos de cantos corais mistos, as danças típicas, hábitos, dialetos e arquitetura" ainda hoje presentes.

Segundo Thum (2008, p. 17), os pomeranos, por muito tempo “considerados ‘menos’ no jogo de forças culturais”, sofreram no Brasil um processo de germanização, no contexto da imigração alemã para o Rio Grande do Sul durante o século XIX, sendo, de certa forma, “menosprezados” ou “inferiorizados” pelos imigrantes de outras regiões alemãs, principalmente, por práticas que remontam à influência eslava, como também pela sua condição de submissão ao longo da história da Pomerânia. Precisamos relativizar algumas afirmações do autor, pois as representações étnicas sempre operam com algum nível de sutileza, efetuando reelaborações conforme as circunstâncias. Para Thum (2009, p. 40), um dos motivos de preconceito seria o fato dos pomeranos serem falantes do baixo alemão (Plattdeutsch), enquanto os imigrantes alemães falariam Hochdeutsch (o alemão-padrão). Willems (1890, p. 197), em termos um pouco diferentes, cogita que teria havido “um reconhecimento tácito da ‘superioridade’ cultural dos colonos descendentes de renanos” pelo fato dos colonos descendentes de pomeranos empregarem em casa o seu dialeto, mas usarem, em outras ocasiões, “um dialeto renano que eles consideravam idioma-padrão”. Em pesquisa em outros lugares do Rio Grande do Sul, com descendentes de camponeses provindos de outras regiões, também é encontrado um sentimento de insegurança ante alemães urbanizados que falavam o alemão que foi gramaticalizado, o alemão “que tem escrita”, na expressão de um informante de Thum (2009, p. 166). Da mesma forma, não é claro que determinadas práticas populares com “indícios de profaneidade”, como o uso de amuletos e festas com danças e músicas (THUM, 2009, p. 61, 72), possam ser tidas como marcas de distinção entre pomeranos e outros imigrantes alemães, tratando-se, mais provavelmente, de práticas da cultura camponesa dos imigrantes, que podem ser discriminadas tanto por religiosos quanto pelas populações que se urbanizam.

Mesmo que tenhamos buscado razões mais complexas para esse processo que o autor denomina “germanização”, é oportuno

assinalar que há efetivamente registros sobre a diferente condição econômica dos pomeranos do Rio Grande do Sul (“culturalmente pobres”, “economicamente os mais atrasados”) com relação aos outros colonos no início do processo de colonização (WILLEMS, 1980, p. 61). Tais diferenças podem ter gerado, internamente aos grupos imigrantes, visões “classificantes”, no sentido de “impor a definição legítima das divisões do mundo social” (BOURDIEU, 2009, p. 113). Alguns relatos colhidos por Thum (2009, p.p. 29-166-188-378-311), junto a comunidades rurais de São Lourenço, efetivamente indicam a existência de elementos destas classificações sociais: as alfabetizadoras consideram um problema o fato das crianças chegarem à primeira série falando apenas o pomerano; os alemães são vistos como menos permeáveis aos casamentos interétnicos; os pomeranos identificam como “alemão fino [elegante]” a língua falada por algumas famílias alemãs; o marido alemão se recusa a responder à esposa quando esta fala em pomerano; preferência, em termos de congregação religiosa, pelas “comunidades livres” ao invés das Igrejas com maior organização eclesiástica vinculadas aos sínodos.

Diferenciações étnicas podem ter sido acirradas em função da dominação econômica e política que o diretor da colônia e o grupo à sua volta impuseram aos colonos, pois representações negativas da força de trabalho costumam acompanhar situações de exploração econômica. A ausência de um núcleo urbano com camadas burguesas na Colônia de São Lourenço é apontada por Oberacker como um fator que torna o projeto colonial de Rheigantz culturalmente mais pobre do que o de Hermann Blumenau, em Santa Catarina (IEPSEN, 2008, p. 76). A visibilidade de determinados grupos étnicos nos Estados Unidos tem relação com a ascensão de seus membros às camadas médias (GANS, 1996, p. 430). Entretanto, Eduardo Iepsen, que se propõe a “desconstruir” o mito de Rheigantz, não atribui importância à condição “pomerana” dos colonos que o denunciavam, mesmo que suas fontes apontem o fato. Muito ilustrativo é um relato que narra os protestos da comunidade

pomerana quando, em 1908, os restos mortais de Rheingantz foram trazidos de volta ao local onde residira (IEPSEN, 2008, p. 154).

Atualmente ocorre uma ressignificação desses rótulos identitários, como no caso da noiva pomerana que se veste de preto no casamento, prática que remonta ao período feudal, retratando uma condição de recursos precários. Mesmo que o ritual tenha caído em desuso, ele é visto, nos dias de hoje, como um sinal de diferenciação, lembrado com certo orgulho; ou seja, a um rótulo estigmatizado foi atribuído um conteúdo positivo, o que demonstra que “o labelling étnico é então geralmente o objeto de uma relação de forças na qual o grupo étnico dominado tenta impor sua própria definição e desqualificar aquela que o grupo dominante pretende lhe impor” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 148).

Segundo Thum (2008, p. 18-19), hoje, “os pomeranos estão em franco processo de reinvenção e de luta pela dignidade cultural” e “Espaços de memória estão sendo planejados no conjunto da comunidade”; entretanto, ainda que os termos do autor sugiram uma emancipação de grupos que estariam em condições subalternas, o fato é que a entidade que lidera esse processo, a Associação do Caminho Pomerano, criada em 2004, é formada por empreendedores locais, com forte influência da municipalidade. O que se pode afirmar com clareza é que, atualmente, há movimentos que buscam dar aos pomeranos uma visibilidade que eles não possuíam no passado. Entre as conquistas está a assinatura, pela governadora, do Decreto Estadual que cria o Comitê de Resgate, Pesquisa e Estudo Cultural da Etnia Pomerana no Estado do Rio Grande do Sul, em 25 de julho de 2008, na Festa do Colono (THUM, 2009, p. 345). Outro exemplo que demonstra a crescente positivação da identidade pomerana está na prática dos estabelecimentos comerciais que tem, crescentemente, privilegiado a contratação de funcionários que falem os dialetos, tanto pomerano, quanto alemão. Estes dados lembram que o jogo das definições de identidade “passa pela inversão dos critérios impostos, pela transmutação deles

no exterior/negativo em interior/positivo" (POUTIGNAT STREIFFERNANT, 1998, p. 147). Ou seja, se antes falar usando os dialetos era sinônimo de um falar grosseiro, de "colonos", tal situação vem sofrendo alterações, criando inclusive oportunidades para os jovens que aprenderam com os pais os antigos idiomas.

A conexão deste processo de afirmação de identidades com o turismo mostra que o movimento tem, também, fins econômicos, de modo semelhante à Rota Romântica, um roteiro por treze municípios da região metropolitana e da Serra Gaúcha, que tipifica uma identidade regional vinculada à imigração alemã (WEBER, 2008, p. 257). Entretanto, aquilo que pode ou não ser apresentado ao turista passa por um processo seletivo, que elege as práticas que serão utilizadas ou adaptadas, resultando num cenário turístico que é resultado da "negociação" de agentes oficiais e turísticos com a população. De forma semelhante, Ferreira e Heiden (2009, p. 141) associam as ações patrimoniais que estão sendo implementadas pelo governo municipal de São Lourenço com o crescimento da economia local e com a promoção de um turismo rural que gerou um investimento nas atividades e produtos da vida colonial, significada, a partir de então, por categorias como "autêntica" e "saudável".

Esta valorização de identidades étnicas, calcadas em memórias de populações camponesas, mobilizadas em sociedades contemporâneas urbanizadas, nos remete ao conceito de "etnicidade simbólica" de Herbert Gans (1996). Tal sentimento de pertencimento é "simbólico" porque o amor pela tradição pode ser sentido e vivenciado sem ser incorporado no comportamento cotidiano. Este revival étnico se manifesta na terceira ou quarta geração, quando já há um distanciamento com relação à cultura étnica de seus ancestrais e uma maior integração na nova sociedade. Os étnicos da 3ª geração podem participar de organizações formais ou informais ou afiliar-se a coletividades que podem ser reais ou míticas, contemporâneas ou históricas, mas, em qual-

quer caso, não estão forçosamente vinculados a papéis ou grupos. Rituais do passado são retomados de uma forma simplificada e adaptados aos novos modos de vida.

Em tempos multiculturais é necessário conviver com a diversidade, dando resposta às “reivindicações identitárias” (SEMPRINI, 1999, p. 59) e, nesse sentido, São Lourenço continua a ser a “Terra de todas as paisagens”, permanece abrigando o Caminho Farroupilha, e recebendo outros eventos, como a acendimento da Chama Crioula, ritual que marca o início dos festejos da Semana Farroupilha, a principal comemoração do Rio Grande do Sul, que, em 2009, ocorreu na Fazenda do Sobrado, construída por José da Costa Santos, já mencionado como importante personagem na história do município. Também em 2009, atendendo a “outras reivindicações memoriais” ocorreu a incorporação da figura das escravas negras ao cenário da memória na comemoração da chegada dos imigrantes (FERREIRA; HEINEN, 2009, p. 149).⁸

Todo este contexto analisado remete à noção dinâmica de “memória cultural” de Assmann (1995, p. 130), para quem a reconstrução do passado opera sempre a partir de uma situação contemporânea que assinala os significados objetivados (textos, imagens e regras de conduta) em sua própria perspectiva, atribuindo sua própria relevância. No fortalecimento da identidade dos grupos locais, ocorre sempre uma disputa pela memória, “uma memória que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais” (POLLAK, 1989, p. 5). Na construção de uma memória coletiva que “convença que o grupo permanece, e permaneceu o mesmo” (HALBWACHS, 1990, p. 88), os grupos sociais, nas sociedades contemporâneas, não estão sozinhos. Os compromissos de historiadores e agentes do poder público com uma “história oral comunitária” (THOMSON; FRISCH; HAMILTON, 1996), que no Brasil ocorre principalmente em âmbito municipal, tem levado a um “gerenciamento das identidades e a sua reapropriação pelos su-

jeitos" (FERREIRA; HEIDEN, 2009, p. 152).

Os autores aqui relidos e comentados demonstram a contri-buição da história cultural para o estudo da construção das identi-dades sociais, seja situando-as como resultado de uma "relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear e a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma", seja considerando a capa-cidade de cada grupo "de fazer com que se reconheça sua existência a partir de uma exibição de unidade" (CHARTIER, 2002, p. 73).

O que a perspectiva histórica, direcionada para um enfoque de representações identitárias que se processam num determina-do lócus, pode nos mostrar é que os grupos étnicos são "simulta-neamente reais e construídos". Reais, porque há diferenças consi-deradas importantes, que podem ser de língua e dialeto, de área de procedência, de diferenças de costumes; construídos, porque "a etnicidade se refere à construção social da descendência e da cultura, à mobilização social da descendência e da cultura e aos significados e implicações dos sistemas de classificação construídos à sua volta" (FENTON, 2003, p. 14-16). Diferenças históricas nas regiões de origem dos imigrantes foram atualizadas no novo con-texto com novos sentidos, e, mesmo que nem todos os colonos economicamente submetidos em São Lourenço fossem "pomeranos", a classificação, portando significados negativos conforme quem a empregasse, foi ativada, estabelecendo uma "fronteira" socialmente construída. Mas havia uma outra fron-teira, construída com o reforço da sociedade de acolhida, que identi-ficava todos os imigrantes como "alemães". Em uma nova situ-ação histórica, a descendência e a cultura voltaram a ser mobili-zadas, afirmando agora – também com apoio externo ao grupo – a especificidade, mas, desta vez, com caráter positivado. Dinâ-micas, desvinculadas de uma essência imutável, as representa-ções identitárias pertencem à história, mesmo que os grupos e os indivíduos as vivenciem como permanentes.

Notas

* Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em História. Realiza estudos sobre relações interétnicas.

** Graduada em História pela Fundação Universidade de Rio Grande (FURG). É mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS e realiza pesquisas sobre a colonização da região de São Lourenço do Sul (RS) no século XIX.

¹ Estamos tomando uma classificação consolidada na historiografia do Rio Grande do Sul, que identifica como “luso-brasileiros” os núcleos de povoamento já existentes no Rio Grande do Sul quando iniciou, no século XIX, o processo de ocupação por imigrantes alemães e italianos. A distinção pode ser vista em Roche (1969, p. 108), mas era empregada por historiadores anteriores.

² Carta de Luiz Braga a Jacob Rheingantz em 31 de março de 1857.

³ As informações que seguem foram retiradas de Iepsen (2008, p.p. 41-61-6-80). Anteriormente, conforme demonstra o autor (p. 116), já haviam sido registrados conflitos com Rheingantz.

⁴ O futuro museu ficará sob os cuidados do Instituto Cultural e Educacional Casa da Imigração (ICECI). A proposta é de um museu com espaço para a cultura e a história da imigração alemã-pomerana, mas que também receberá um acervo sobre açorianos, negros e índios que viviam na região.

⁵ “Aos sete dias de agosto de mil novecentos e cinquenta e oito, nesta Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão, batizei e pus os santos óleos no inocente Henrique, branco, nascido aos quatro dias de janeiro do ano mil novecentos e cinquenta e oito, filho legítimo de Franz Pritsch casado com Luisa Walter, ambos naturais da Prússia e residentes na Colonia São Lourenço.” Fonte: BISPADO DE PELOTAS. Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão. Livro de Batismo. n. 1, fl. 142. (A grafia foi atualizada.)

⁶ Uma descrição etnográfica do Caminho Pomerano encontra-se em Ferreira e Heinen (2009).

⁷ A entidade é uma organização privada, sem fins lucrativos, formada por empresários, entidades de classe, organismos públicos e universidades e foi criada em 2005, para organizar uma estrutura regional com o intuito de dinamizar o turismo. Ver Turismo na Costa Doce [website]. Caminho Pomerano. Disponível em: <<http://www.portalcostadoce.com.br/site/caminhoPomerano.asp>>.

⁸ Esta convivência de festas de descendentes de imigrantes com festas identificadas com antigas tradições do Rio Grande do Sul (“nativistas”) e com manifestações que abrem espaço aos afro-descendentes são atualmente frequentes no calendário das festividades de várias cidades, respondendo às necessidades dos poderes municipais de festejar a multiplicidade (WEBER, 2008, p. 251).

Fontes

BISPADO DE PELOTAS. Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão. Livro de Batismo. n. 1.

COLEÇÃO FAMÍLIA RHEINGANTZ. Carta de Luiz Braga a Jacob Rheingantz em 31 de março de 1857. Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL [Website]. **Caminho Pomerano**. Disponível em: http://www.saolourencodosul.rs.gov.br/conteudo.php?ID_PAGINA=41. Acesso em: 30.nov.2009.

RHEINGANTZ, Carlos Guilherme. **Relatório enviado à Presidência da Província em resposta ao pedido de esclarecimento sobre a Colonia São Lourenço em 24 de outubro de 1877**. Coleção Rheingantz. Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira (Org.). **Almanak literário e estatístico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Pinto e Cia/Livraria Americana, 1909.

TESTAMENTO DE JOSÉ DA COSTA SANTOS. IN: ABREU, Egon Ziebell de. **Aconteceu no sobrado**. Contos da história de um povo da Lagoa dos Patos. [S.l.: s.n., S.d]

TURISMO NA COSTA DOCE [website]. **Caminho Pomerano**. Disponível em: <http://www.portalcostadoce.com.br/site/caminhoPomerano.asp>. Acesso em: 30.nov.2009.

Referências

ABREU, Egon Ziegell de. **Aconteceu no Sobrado**. Contos da história de um povo da Lagoa dos Patos. [S.l.: s.n., S.d]

ASSMANN, Jan. **Collective Memory and Cultural Identity**, New German Critique, n. 65, Cultural History/Cultural Studies. Spring-Summer, p. 125-133. 1995. Disponível em: <www.jstor.org/stable/488538>. Acesso: 08.abr.2008

BANTON, Michael. **A idéia de raça**. Lisboa: Edições 70, São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 12 ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. In: ____ **À Beira da Falésia: A História entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2002.

COARACY, Vivaldo. **A Colônia São Lourenço e o seu fundador Jacob Rheingantz**. São Paulo: Saraiva, 1957.

FENTON, Steve. **Etnicidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

FERREIRA Maria Leticia Mazzucchi; HEIDEN, Roberto. Políticas patrimoniais e reinvenção do passado: os pomeranos de São Lourenço do Sul, Brasil. **Cuadernos de Antropología Social**. FFyL – UBA, n 30, p. 137–154, 2009. Disponível em: http://74.125.155.132/scholar?q=cache:amzcBXsglUkJ:scholar.google.com/+Jacob+Rheingantz&hl=pt-BR&as_sdt=2000 . Acesso em: 23/mar/2010.

GANS, Herbert. Symbolic Ethnicity: The future of ethnic groups and cultures in America. (1979) In: SOLLOR, Werner (Ed.). **Theories of ethnicity: a classical reader**. New York: New York University Press, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.

IEPSEN, Eduardo. **Jacob Rheingantz e a colônia São Lourenço: da desconstrução de um mito à reconstrução de uma história**. 2008. 280 pg. Dissertação (Mestrado em História). - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

KLUMB, Guilherme P. A cultura dos imigrantes pomeranos como atrativo do turismo rural em São Lourenço do sul. **ENECULT- Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, S, Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19485.pdf> . Acesso em: 20.nov.2009.

MULHALL, Michael George. **O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs**. Porto Alegre: Ed. Bels/IEL, 1974.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993 [1984].

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru (SP): EDUSC, 1999.

SEYFERTH, Giralda. A representação do “trabalho alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n. 37, 20 out. 1982.

THOMSON, A.; FRISCH, M.; HAMILTON, P. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

THUM, Carmo. **Educação, história e memória**: silêncios e reivindicações pomeranas na Serra dos Tapes. 2009. 384f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009. Disponível em: http://bdtd.unisinos.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=812. Acesso em: 10/mar/2010.

THUM, Carmo. Silenciados pela hegemonia alemã. In: IHU Online. **Revista do Instituto Humanitas/Unisinos**, São Leopoldo: UNISINOS, 01.set.2008. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1220379573.8608.pdf> Acesso em: 20/nov/2009.

WEBER, Regina. Grupos Étnicos, Estratégias étnicas. In: SIDEKUM, Antonio; ARENDT, Isabel; GRÜTZMANN, Ingrid. **Campos múltiplos**: identidade, cultura e história. São Leopoldo: Nova Harmonia / Oikos, 2008.

_____. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. Dimensões – **Revista de História da UFES**, Vitória: UFES, n. 18, p. 236-250, 2006.

WEBER, Roswithia. Características do contexto de valorização de elementos coloniais na formação do turismo. In: SIDEKUM, A.; GRÜTZMANN, I.; ARENDT, I. C. (Orgs.). **Campos Múltiplos**: identidade, cultura e história. São Leopoldo: Ed. Oikos, 2008.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL, 1980 [1946].

Abstract

The same location- Sao Lourenco do Sul- has, at different times, witnessed the elaboration and affirmation of representations which placed individuals and groups, at times, positively and at others, negatively, resulting in situations permeated by disputes for representation. The historical configuration which gives rise to identity constructions is composed of the following elements: the allocation of German immigrants to an area occupied by a Portuguese-Brazilian population of farmers, the formation of a colony of peasants with a significant presence of Pomeranians which is administrated in conflicting manner, by Germans of Prussian origin and the interest of the contemporary municipal administration in the search to assign a particular "Pomeranian" identity to the town.

Keywords: Identity. Immigration. Representations. Pomeranians.